



**Rodrigo Nunes de Souza Trindade**

**Da construção da parentalidade  
ao lugar dos pais na psicanálise  
com crianças**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CLÍNICA COM CRIANÇAS**

Rio de Janeiro  
Março 2018



**Rodrigo Nunes de Souza Trindade**

**Da construção da parentalidade  
ao lugar dos pais na psicanálise  
com crianças**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia clínica com crianças. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof.<sup>a</sup> Silvia Maria Abu-Jamra Zornig**  
Orientadora

**Prof.<sup>a</sup> Bianca Bergamo Savietto**  
Avaliadora

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2017

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, dirijo minha gratidão aos meus pais, que, não apenas me permitiram existir e experienciar este mundo em suas dores e alegrias, como investiram em mim seu tempo, suor e lágrimas, durante os últimos vinte e nove anos.

Agradeço ao meu irmão e amigos por compreenderem minhas frequentes ausências de encontros sociais, e por me ajudarem a “mudar o canal” quando precisei.

Agradeço à minha amada, namorada pelos últimos onze anos e noiva pelos últimos nove meses, por todo o suporte, compreensão e carinho. Vivemos uma fase difícil, você e eu, mas aqui estamos, ombro a ombro, dispostos a encarar juntos as provações e partilhar as alegrias que a vida nos reserva. Muito obrigado por todos os momentos, e por me ajudar a levantar quando caí.

Agradeço à professora Silvia Zornig, minha orientadora, pela disponibilidade, compreensão e paciência.

Agradeço aos colegas da turma de especialização pela parceria e bons encontros.

Agradeço às demais professoras, por compartilharem conosco tanto conhecimento e tantas experiências.

Trindade, Rodrigo Nunes de Souza. **Da construção da parentalidade ao lugar dos pais na psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro, 2017, 34 p. Monografia - Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

## **Resumo**

O presente estudo teve como objetivo debater o lugar dos pais na análise com crianças, a partir de uma perspectiva que retoma a parentalização dos pais, seus desafios e renúncias, e suas inseguranças quanto ao filho e seu desenvolvimento. Trata-se de um tema complexo, desafiador e atual, o qual mesmo havendo uma grande quantidade de trabalhos bem fundamentados sobre o assunto, carece de mais contribuições que articulem a prática com a teoria. Aqui, procurei fundamentação em autores expressivos dentro da literatura psicanalítica, trazendo um caso atendido para ilustrar formas possíveis de manejo, bem como acertos e erros na hora de se trabalhar com os pais que chegam à clínica. Discute-se também a importância de um trabalho com os pais enquanto integrante do realizado com a criança.

## **Palavras-Chave:**

Lugar, Pais, Crianças, Psicanálise, Parentalidade, Mãe, Pai, Filho.

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>2. Parentalidade: o que está em jogo? .....</b>	<b>7</b>
2.1. Tornar-se mãe .....	10
2.2. Tornar-se Pai .....	13
<b>3. O lugar dos pais na psicanálise com crianças .....</b>	<b>16</b>
<b>4. Sua Majestade, Nero, e seus pais .....</b>	<b>21</b>
<b>5. Considerações finais .....</b>	<b>32</b>
<b>6. Referências bibliográficas .....</b>	<b>34</b>

## 1. Introdução

Muito se fala sobre do lugar dos pais na psicanálise com crianças, mas, em tempos de mudança de paradigma e transformações nos papéis históricos desempenhados por homens e mulheres, faz-se necessário, antes de tudo, falarmos da construção da parentalidade na contemporaneidade. Os pais que, hoje, chegam aos consultórios, não são os mesmos de outrora. São adultos, muitas vezes, inundados de dúvidas, medos e inibições, por fantasiarem serem capazes de causar um grande mal aos filhos. Em outros casos, seguros de que, repetindo ou se distanciando diametralmente do modelo de seus próprios pais, estarão fazendo um bom trabalho, realizam uma parentalidade que excede ou não alcança o que seria suficientemente bom. Este trabalho, portanto, apresentará um olhar teórico-crítico acerca do desafio contemporâneo de tornar-se pai e mãe, ressaltando as perdas psíquicas envolvidas no surgimento da parentalidade.

Feita essa identificação de quem são os pais (e seus filhos) que chegam aos consultórios psicanalíticos, estudar-se-á, então, seu lugar nessa modalidade clínica, desde as abordagens exploradas por Anna Freud e Melanie Klein até as praticadas nos dias de hoje. Desde restringir ao mínimo o contato com os genitores a marcar consultas mensais ou quinzenais com eles, sem a presença da criança. E finalmente, para que os assuntos discutidos possam ser devidamente ilustrados e problematizados, será apresentado um caso atendido no Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio, no qual eu busquei realizar um atendimento diferenciado aos pais, paralelamente ao atendimento do menino, à época com oito anos.

## 2. Parentalidade: o que está em jogo?

O termo *parentalidade*, segundo Zornig (2012), começou a ser utilizado nos anos 60, na França, designando os rearranjos psíquicos envolvidos em tornar-se pai ou mãe. Para a autora, contudo, esse conceito não é indiferente às transformações sofridas pelas sociedades, argumentando que, antes do século XVIII, a decisão de ter um filho provinha de uma lógica patrimonial, em que a existência de descendentes garantia a manutenção de alianças e a transmissão de bens. A partir do surgimento do iluminismo, por sua vez, o desejo de tornar-se pai e mãe se mistura ao ideal romântico do casamento pelo amor, promovendo uma ressignificação da prole enquanto herdeira dessa união, a quem o vínculo amoroso se estende. Atualmente, no entanto, testemunhamos o surgimento de casais formados, não mais pela expectativa de compartilhamento de um amor idealizado, mas fundados na atração física, em uma busca pelo prazer sexual, com a parentalidade, muitas vezes, sendo postergada ou aparecendo como imprevista.

Consequência ou não dessa mudança de paradigma, vivemos uma época em que o divórcio alcança grande popularidade em todos os seguimentos da sociedade, resultando no aumento do número de famílias monoparentais e recasadas. Este fenômeno foi um dos que levaram o filósofo Zygmunt Bauman a escrever sobre o tema do “Amor Líquido” (2004), onde discute a fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade, atribuindo-os ora à baixa confiabilidade de um ambiente em constante mudança, ora à busca por um prazer imediato. Contudo, apesar das inevitáveis repercussões dessas transformações no grupo familiar, Roudinesco (2003) afirma que este permanece sendo estruturante para seus integrantes, fornecendo-lhes uma sensação de segurança não encontrada em outras relações.

Nesse sentido, retomando Zornig (2012), temos que:

“Se a atualidade se define principalmente pela derrocada de referenciais simbólicos estáveis e por uma pluralização das leis e de possibilidades de subjetivação, “tornar-se pai” ou “tornar-se mãe” passa a depender muito mais da história individual de cada um dos pais e de uma lógica do desejo, do que de um modelo de família nuclear tradicional, como no passado” (p.19).

Essa frase introduz a hipótese da autora de que a parentalidade se inicia antes mesmo do nascimento do filho, mais precisamente na relação dos pais, ao tempo de sua infância, com os próprios pais. Evidências disso podem ser facilmente encontradas nas brincadeiras das meninas, as quais, ora simulam serem mães de suas bonecas, atuando, de um outro ponto de vista, a própria relação com suas mães, ora colocando-se como narradoras de cenas entre bonecas, protagonizadas por mãe e filha. Os meninos, por sua vez, embora de maneira menos explícita, também apresentam conteúdos envolvendo a parentalidade e a filiação em seus jogos, pois, em ambos os casos, a brincadeira é uma forma eficaz de simbolização e elaboração do par frustração-satisfação, presente no vínculo com os pais.

Nesse sentido, o desejo por um bebê pode dizer respeito tanto a uma expectativa de elaboração de experiências de frustração precoces quanto a um resgate nostálgico-narcísico de um suposto *paraíso perdido*. Encontramos essa ideia melhor desenvolvida em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), quando Freud relacionou a elevação do filho ao posto de “sua majestade, o Bebê”, ao resgate, pelos pais, de seus narcisismos infantis. Assim, a parentalidade acaba por permitir a elaboração das feridas narcísicas carregadas pelos genitores desde a própria infância, trazendo as oportunidades de reparação, ressignificação e elaboração de suas histórias.

Também podemos dizer que a parentalidade e a filiação se formam simultaneamente, com uma grande participação do bebê na construção da paternidade e da maternidade; e de forma equivalente aos pais na construção da filiação do recém-nascido. Nessa perspectiva, Zimmerman (2010) acrescenta que a mãe costuma ser tão afetada pelo vínculo quanto o próprio bebê. Mencionando Winnicott (1975), ele fala da importância do olhar materno enquanto espelho para o recém-nascido, parâmetro por meio do qual o bebê pode ter certeza de sua própria existência, enquanto a mãe necessita ver, no filho, o reconhecimento de seu bom desempenho em sua nova função. Segundo o autor, nos casos em que o bebê apresenta respostas fisiológicas como vômitos e eructações, a mãe pode ser tomada de uma fantasia de não ser amada por seu bebê, respondendo como um *espelho partido*, incapaz de garantir ao bebê o seu lugar e com potencial para lançar o vínculo num ciclo angustiante que se retroalimenta.



Assim, com a chegada do bebê, inicia-se uma dança entre a filiação e a parentalização dos pais, momento em que, segundo Lebovici (1987), estes iniciam uma transmissão, tanto consciente quanto inconsciente, de seus conflitos em relação aos próprios pais. Assim, segundo Kaës (1998), esse movimento situa o recém-nascido no contínuo geracional, enquanto parte daquela família e de toda a mitologia que a constitui, mas também promove um conflito entre a possibilidade de independência do sujeito e seus mandatos enquanto elo dessa cadeia geracional.

Nesse sentido, os pais mantêm o lactente “numa matriz de investimentos, predis põem sinais de reconhecimento, designam lugares, apresentam objetos de satisfação, oferecem meios de proteção e ataque, traçam vias de realização e enunciam limites e interditos” (Almeida, 2008, p.216). Esse mecanismo, contudo, também transmite ao filho lacunas de representação, traumas e segredos como parte do legado familiar transgeracional. Esses elementos promotores de angústia, por sua vez, assim como aqueles de função estruturante, passarão a fazer parte da filiação e, caso não possam ser elaborados ao longo da vida, também integrarão a parentalidade com o aparecimento das futuras gerações.

Indo além em nossa pesquisa, também podemos dizer que a transição para a parentalidade pressupõe mudanças importantes na conjugalidade e no lugar de cada membro do casal frente às suas famílias de origem. Nesse sentido, ainda que consideremos os ganhos, perdas são inerentes a tal transição, podendo produzir sintomas caso o sujeito encontre dificuldades em realizar os processos de simbolização e luto necessários. Esse é o assunto que discutiremos a seguir, ressaltando as diferenças nas vivências de ambos os sexos.

## 2.1 Tornar-se mãe

Ainda que a parentalidade seja um conceito capaz de abranger ambos os genitores, há notáveis particularidades em relação aos lugares ocupados por homens e mulheres, à época do nascimento de um filho. Começando pela maternidade, sobre a qual já encontramos uma primeira referência em Freud (1905), temos que cabe à mãe despertar o instinto sexual na criança, ensinando-a a amar, o que pode ser complementado pela “Teoria da Sedução Generalizada” proposta por Laplanche (1988). O autor, partindo das contribuições de Ferenczi, diz que uma criança não pode fugir da *confrontação* com o mundo dos adultos, posto que sua sobrevivência deles depende. E que esse embate, que inicialmente promove uma *confusão de línguas* inevitável, logo dá lugar a uma correspondência entre os diferentes códigos e promove aquisições, pois ali se faz “uma relação essencial de atividade-passividade, ligada ao fato inelutável que o psiquismo parental é mais ‘rico’ que o da criança” (Laplanche, 1988, p.118). A confusão de línguas só é traumática, portanto, na medida em que se manifesta na presença do inconsciente parental. E, na sequência de sua exposição teórica, o autor ressalta três níveis de sedução, despertados pelos cuidados maternos, ordenados daquele mais factual (sedução infantil), passando pela sedução precoce, aquela que envolve o investimento libidinal nas zonas erógenas, chegando ao mais ‘mítico’ (Sedução originária), que fala das fantasias sobre a cena primária.

Por outro lado, retomando os estudos de Melanie Klein (1996), nos deparamos com a impossibilidade de a criança lidar sozinha com as angústias que habitam seu mundo interno, necessitando projetá-las na mãe sob a forma de objetos parciais - o seio mau, por exemplo - aos quais a criança dirige seu ódio. Sobre isso, Winnicott (1999) afirma que os bebês, ainda com recursos muito rudimentares para lidarem com esse fenômeno internamente, dependem de um ambiente externo que possa conter tais angústias, extraindo a onipotência a elas atribuída. Assim, portanto, paralelamente à mãe-objeto, que deve atender às necessidades e suportar os ataques endereçados a ela, deve advir a mãe-ambiente, capaz de acolher sem sufocar ou deixar seu filho entregue às angústias. Esse mesmo fenômeno, segundo Bion (1994), traz como parte

integrante dessa mãe suficientemente boa, as funções de continente e rêverie, por meio das quais torna-se possível conter as identificações projetivas do bebê, metabolizá-las e, então, reendereçá-las ao mesmo em uma linguagem passível de assimilação.

Podemos perceber, assim, a importância dada por alguns dos autores mais importantes da psicanálise à função da mãe em relação ao filho, mas foram contribuições como as de Stern (1995), que trouxeram a importância dos mecanismos psíquicos envolvido no tornar-se mãe. Sob o nome “Constelação da Maternidade”, o autor fala que as representações que a mulher guarda de sua própria mãe, bem como de sua relação com ela, poderão fornecer uma previsão a respeito do como esta se vinculará ao seu bebê, ou até sobre que forma de apego se fará entre os dois. A esse respeito, Zornig (2012) chama atenção para como a história passada é organizada em uma narrativa, dizendo que “a narrativa da história passada pode ser tão relevante quanto a história passada em si” (Zornig, 2012, p.21).

Em uma releitura de Freud, sobretudo dos artigos sobre a “dissolução do complexo de Édipo” (1924) e a “sexualidade feminina” (1931), temos grande importância conferida à relação da menina e sua mãe para a construção de uma posição feminina. Isso se deve à oportunidade de reconhecer a castração na mãe, o que, então, permite à filha desejar o pênis do pai, que, mais tarde, este poderá ser substituído pelo desejo de ter um filho. Contudo, a perspectiva freudiana sobre o desejo de ter um filho pode ser ampliada pelas contribuições de Bydlowski (1989), que o relaciona também a possibilidades de elaboração do feminino e representações inconscientes da maternidade e do bebê.

A autora é a responsável pelo conceito de *transparência psíquica*, fenômeno ocorrido durante a gravidez, que diz respeito a uma mistura entre conteúdos conscientes e inconscientes, segundo Zornig (2012), devido a um “duplo *status* do bebê: ele está presente no interior do corpo da mãe e em suas representações mentais, mas está ausente da realidade visível” (p.22). Nesse momento, conteúdos antigos podem vir à tona, como a própria sexualidade infantil que retornará envolta em nostalgia – o paraíso perdido de sua majestade, o bebê – tornando o filho representável apenas por elementos pretéritos, uma vez que ainda não nasceu.

Nesse sentido, podemos retomar Stern (1988), apontando a constelação

da maternidade como o mecanismo predominante, à ocasião do nascimento do bebê, pois é quando a tríade edípica formada pela recém-mãe e seus pais dá lugar àquela formada por ela, seu filho e sua mãe da infância. A mulher passa a se relacionar com esses três elementos, o que provoca um rearranjo de seus desejos e prioridades, sem qualquer menção ao companheiro.

Por outro lado, Segundo Morsch (2012), mesmo quando a criança nasce saudável, produz-se um estranhamento inicial devido ao fato de o bebê real ser diferente daquele idealizado pelos pais, o que costuma ser encerrado por um olhar de reconhecimento deste em relação à mãe. O mesmo, segundo a autora, não ocorre em casos de nascimento pré-termo ou quando a criança vem com alguma deficiência observável, uma vez que essas crianças chegam desprovidas das habilidades necessárias a suscitar nos pais as experiências próprias da parentalidade.

Assim, em decorrência da transparência psíquica, a mãe que sofreu, em sua infância, privações, abandonos e frustrações excessivos, na opinião da autora, tem maior probabilidade de vir a abandonar seu bebê após o período de internação. Partindo, então, do pressuposto de que a parentalidade e a filiação se constroem uma à outra, a autora argumenta que é o filho que autoriza a mãe em sua nova função, e, se tratando de um criança cujos movimentos são demasiado tênues, posiciona-se contra os procedimentos hospitalares que acabam por separar a díade.

## 2.2 Tornar-se pai

Diversos autores da Psicanálise teceram contribuições valiosíssimas sobre a importância da infância para o desenvolvimento humano, e, com ela, a relevância da função materna, a qual se encarrega de apresentar o mundo ao bebê, decifrar e acolher seu choro, e atender suas necessidades fisiológicas e afetivas. Passamos a conhecer a transparência psíquica e a depressão pós parto, teorizamos sobre a ilusão de completude proporcionada pelo recém nascido e nos interessamos por investigar as evidências de um registro anterior ao próprio nascimento. Nesse sentido, mesmo considerando a vulnerabilidade, os desafios e as expectativas, muitas vezes, inalcançáveis depositadas sobre ela, podemos dizer que o lugar social da mãe já não carece de legitimação.

Por outro lado, pouco se fala sobre os desafios encontrados pelo homem no momento em que se torna pai. Depressão paterna? Não se ouve falar. Pode-se dizer, com segurança, que desde a antiguidade o homem é visto como essencial à reprodução, mas a partir da concepção, sua função passa a ser acessória: prover e proteger a companheira e a cria para que o *trabalho materno* sofra o mínimo de interferência externa. Essa orientação encontra respaldo no trabalho de Winnicott (2011), recebendo outros contornos e importância nas teorias de Freud e Lacan, os quais ressaltam a necessidade do pai como o terceiro edípico, aquele capaz de introduzir o interdito, um representante da lei, todas, contudo, se referindo ao homem como útil ao desenvolvimento da criança; nenhuma debruçando-se sobre as angústias que a nova condição podem trazer à psique masculina.

Reconhecendo a necessidade da produção de conhecimento nesse campo, ao mesmo tempo canônico e inovador, e sobretudo num momento em que os papéis tradicionais de homens e mulheres parecem misturar-se no ocidente, é que autores como Marinho (2009) trazem ao foco o drama psíquico do homem, para além da função-pai. O mesmo talvez não ocorresse ou se apresentasse minimizado à época em que o patriarca detinha a última palavra, e conseqüentemente um menor envolvimento afetivo, mas hoje, segundo o autor, diante do peso que acompanha a figura do pai idealizado, o “bom pai” que se vê realizado em sua função de apoio, muitos homens acabam por se retraírem a uma

posição defensiva, incapazes de expressar e de encontrar quem acolha suas angústias.

Trata-se de uma grande mudança na vida do homem moderno, pois entra em cena uma reatualização da trama edípica análoga e interligada àquela ocorrida à época da união conjugal, como retrata Magalhães (2003). Segundo a autora, a conjugalidade é vivenciada como uma contínua troca de identificações que repercute tanto na constituição da identidade do casal e seu projeto a dois quanto nas subjetividades de cada uma das partes: uma espécie de alquimia onde o que é criado ajuda a recriar seu criador. Nesse sentido, a escolha amorosa, tendo sido influenciada pelas figuras edípicas e como se deu seu arranjo, integra intimamente essas “transmutações” nas psiques de marido e mulher, a serem reacessadas com o nascimento do filho.

O Pai, portanto, que possuía um inequívoco lugar no desejo de sua esposa, a substituta edípica de sua própria mãe, em uma trama conjugal de poderosas interpenetrações psíquicas, capazes de provocar-lhes mudanças profundas, com a chegada da criança vê-se, subitamente, destituído de seu lugar. A mãe ocupa-se inteiramente da criança, o que Winnicott (1982) chamou de “preocupação materna primária”, uma espécie de “adoecimento saudável” onde a mulher entra numa sintonia tão fina com o recém nascido, que se sente capaz de interpretar seu choro e suprir suas necessidades, restando ao pai a contemplação invejosa de uma cena, da qual está excluído. Nesse ponto, Marinho (2009) alerta para a possibilidade tanto do marido realizar ataques (desqualificações) ao objeto de sua inveja, o seio de sua esposa, quanto ao seu rival pela atenção da mesma, podendo nutrir fantasias onde elimina o filho e encerra a competição, ou apresentar formações reativas a esse fenômeno inconsciente, como o medo de que algo de ruim aconteça ao recém nascido.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se perde de vista o projeto conjugal, segundo o autor, atualiza-se a relação com seu próprio pai internalizado, em uma espécie de “constelação da paternidade”, como refere Morsch (2012), por quem, antes mesmo de interessar-se por sua mãe, o menino mostrou afeição. Esta “homossexualidade precoce” pode vir à tona, colocando o homem numa posição de rivalidade com sua esposa numa espécie de disputa sobre qual deles será a “melhor mãe” para o bebê; o filho (na fantasia) que desejou ter com seu pai. Por outro lado, mas seguindo o mesmo raciocínio, outra

possibilidade é a de que, defendido de seu momento homossexual, o homem recuse-se a cuidar de seu filho, pois aquilo significaria estar identificado numa posição feminina/materna em relação ao recém nascido, também oriunda dessa relação incestuosa primitiva com seu pai.

Cabe, ainda, ressaltar a possibilidade do homem ser acometido por um forte sentimento de culpa, devido aos ataques enciumados feitos à esposa e ao filho, bem como de apresentar uma espécie de luto relativo à perda da fantasia de plenitude que a gravidez confere à mulher. Para Marinho (2009), essas seriam possíveis causas para a, ainda pouco estudada, depressão paterna, às quais, Bydlowski e Luca (2001) acrescentam que o nascimento de um filho poderá, também, trazer o fantasma do envelhecimento e da proximidade da morte, bem como lançar o homem no lugar de menino, diante de um pai poderoso, frente ao qual nada pode. Esse lugar de completude e onipotência é, frequentemente, atribuído à díade mãe-bebê; o pai é mero espectador.

Por outro ângulo, as autoras comentam que pode reativar-se, no pai, um trauma precoce: “uma situação de perigo e de angústia, uma desorganização traumática suportada na sua própria infância, mesmo no intergeracional” (Bydlowski e Luca, 2001, p.292), ou fazer-se presentes fantasmas que remontam a jornada infantil de outras gerações de homens da família. “A depressão se instala para proteger o eu contra este outro, tão mortífero e tão alienante. “Os segredos ou os mandatos transmitidos de uma geração a outra são transferidos no momento sobre um bebê novo, impedindo o acesso do jovem pai à sua paternidade” (p.293).

Assim, para além de sua utilidade ao desenvolvimento do filho e ao apoio à jovem mãe, podemos concluir, a partir do panorama apresentado neste trabalho, que o lugar do pai é, de fato, muito mais complexo do que se poderia pensar. Frágil em seu próprio infantil, invejoso em relação ao seio que não mais lhe pertence, competitivo em sua capacidade de melhor suprir as necessidades do filho. Trata-se de um lugar precário, atormentado por fantasmas de seu passado e de outros passados, onde se encontra pressionado entre mandatos sociais e geracionais, com a obrigação de ser forte e auxiliar a parceira durante sua ilusão de completude, enquanto nele apresenta-se a falta.

### 3.

#### **O lugar dos pais na psicanálise com crianças.**

Desde as teorizações kleinianas, foi conferido às crianças “o estatuto de analisando de pleno direito” (Zornig, 2008, p.123), capazes de realizar a livre associação através do brincar. Contudo, mesmo sendo considerada sujeito de seu próprio processo analítico, precisamos reconhecer que a criança, diferentemente do adulto, possui, em relação à família de origem, não apenas uma dependência subjetiva, mas uma de viés objetivo. Se, por um lado, são os pais (ou cuidadores) quem trazem as crianças ao consultório, que pagam as sessões, trazem suas queixas e tem autonomia para fazer cessar do tratamento. Por outro, são os responsáveis por apresentar, ao filho, um mundo anterior a ele e que funciona apesar dele, mas no qual ele já possui um lugar, desde antes mesmo de nascer.

Desenvolvendo um pouco mais essa ideia, e como vimos no tocante à transparência psíquica, a criança, ainda dentro do ventre, já possui uma representação no psiquismo materno. Ainda, se levarmos em conta as constelações maternas e paternas, poderemos concluir que essa representação é anterior à própria concepção. Nesse sentido, podemos afirmar que a criança já existe para os pais muito antes de nascer – bem ou malquista, com esse ou aquele traço de personalidade, e alguma ou nenhuma perspectiva de alcançar realizações – e, chegando ao mundo, encontra essa família que a antecede, a qual possui um modo próprio de funcionamento. Nesse momento, como propõe Winnicott (1999), podemos situá-la numa fase de dependência absoluta em relação aos pais, a quem cabe introduzir a criança na linguagem e na cultura.

Essa criança, que por algum tempo dependerá totalmente dos cuidados parentais, primeiro, para sobreviver e, depois, para emergir como sujeito, terá que se posicionar diante das demandas desse Outro, tentando seduzi-lo em sua ternura enquanto procura o próprio lugar na família. Os Pais, por sua vez, têm neles mesmos - diante da paternidade e da maternidade - a oportunidade de reencontrarem seus pais (e seus “eu”s) da infância, bem como, nos filhos, a oportunidade de uma reedição de si mesmos, como uma página em branco sobre a qual projetam seus próprios narcisismos, seus Eu-ideais – aquilo que gostariam de ter sido e o que compensaria de suas deficiências.

Muito está em jogo, e em meio a todas essas forças, nota-se que a criança



“procura responder ao enigma dos significantes obscuros propostos pelos adultos, se identificando ao que julgar ser objeto do desejo materno, tentando preencher a falta estrutural do Outro e evitar a angústia de castração (...)” (Zornig, 2008, p. 127). O lugar da criança frente ao desejo do Outro é delicado, entre ser devorada ou expelida, e compondo esse cenário, ainda precisamos considerar as demandas sociais, que, internalizadas pelos pais, também são dirigidas aos pequenos. Trata-se de padrões nos quais a criança deve se encaixar, sob a pena de ver-se num lugar marginalizado, necessitando correção; caso procure adaptar-se, “tem seu Eu reforçado pelas promessas de sucesso e gratificações narcísicas” (Zornig, 2008, p. 131).

Essa argumentação poderia nos levar a ver a criança como um mero “bode expiatório” do sintoma familiar, o que nos conduziria a uma psicoterapia de família, e não uma análise de crianças. Para que esta última se torne possível, é preciso supor uma criança responsável, ao menos em parte, por seu sintoma, conferindo a ela, também, a

“possibilidade de empreender um trabalho analítico com base em sua própria demanda. (...) Sem esta aposta, é impossível psicanalisar uma criança sem cair numa posição pedagógica de procurar restabelecer o equilíbrio narcísico da dinâmica familiar, ou numa posição depressiva de apontar para a impossibilidade do ato analítico.” (Zornig, 2008, p. 137).

Desse modo, será possível “escutar o que significa para a criança seu sintoma, qual o sentido fundamental de sua dinâmica assim presentificada, e quais as possibilidades que este presente prepara, preserva ou compromete” (Zornig, 2008, p. 137), para além das demandas dos pais da realidade e do lugar de sintoma familiar. Nos será permitido, assim, ver o que surge de singular e perceber a criança enquanto um sujeito, auxiliando-a na saída de uma posição alienada ao desejo desse Outro parental para um lugar próprio dentro da família e da sociedade. Até aqui, contudo, somente identificamos não serem os pais os alvos primordiais da clínica psicanalítica, restando-nos delimitar o seu lugar propriamente dito.

De imediato, podemos identificar sua, já citada, participação objetiva no tratamento: sustentá-lo financeiramente, trazer a criança e uma demanda de análise. Nesse sentido, conseguimos afirmar, sem dificuldades, que, caso não tenham suas demandas atendidas – no plural para evidenciar que há, também, uma demanda latente sob a manifesta – o trabalho estará fadado ao fracasso,

afinal, eles têm autonomia para cessar os atendimentos unilateralmente. Desta forma, podemos marcar como o primeiro lugar dos pais na análise com crianças, o de viabilizar o início do processo analítico, através do estabelecimento de uma “confiança de trabalho” com o profissional, que, como contrapartida, precisa oferecer-lhes o acolhimento de suas ansiedades e questões que envolvam o(a) filho(a).

Como foi possível constatar em nosso percurso até aqui, a construção da parentalidade não é um processo fácil. Envolve transformações importantes na conjugalidade, nos lugares ocupados por homens e mulheres perante suas famílias de origem, e em suas próprias constelações. Além disso, é necessário que, frente a esse evento, se possa fazer o luto pela criança idealizada antes do nascimento, para que, então, seja possível a emergência de “sua majestade, o bebê”, o herdeiro do narcisismo dos pais, o qual tem importante participação na parentalização dos mesmos.

Podemos dizer que, nesse momento, instala-se a dança entre a filiação e a parentalidade, as quais, como aponta Lebovici (1993), são processos independentes e simultâneos, que se estabelecem em um delicado equilíbrio sujeito a abalos. Nesse sentido, o surgimento de um sintoma na criança, muitas vezes evidenciado por profissionais de saúde ou pela escola da criança, pode vir a ser percebido, pelos pais, como uma falha na parentalidade, uma vez que o bebê é alvo de tantos investimentos de natureza narcísica. Portanto, apesar de a demanda dirigida ao psicanalista, frequentemente, visar a extinção de um comportamento ou correção de um desvio apontado por terceiros, nota-se, subjacente a ela, uma segunda demanda endereçada por alguém (pai ou mãe) que, ainda se adaptando ao lugar parental, se vê impotente e desamparado.

Num segundo momento, já com processo psicanalítico em andamento,

“(…) os pais (ou um deles) entram no exato momento em que, devido ao peso que o intersubjetivo tem na formação do sintoma ou na estruturação das neuroses, faz-se necessário que algo também se modifique no inconsciente de um ou de ambos progenitores, ou algo de sua relação. Ao incluí-los na sessão, pensa-se em reproduzir um efeito analítico que permita a continuação da análise da criança.” (Sigal, 2002, p.54-5)

Essa passagem nos mostra que, segundo a autora, não basta que uma mudança ocorra no psiquismo da criança; é necessário que uma outra, a ela proporcional, também ocorra no sistema familiar de modo a sustentar a primeira. Caso isso não aconteça, surge o risco de as elaborações da criança provocarem

um desequilíbrio incômodo na *homeostase* familiar, podendo resultar na retirada do filho, pelos pais, do tratamento. Com o intuito, portanto, de evitar esse final precoce da análise, Sigal (2002) nos sugere a possibilidade de inclusão dos pais na sessão, com o objetivo de torná-los aptos a suportar as mudanças produzidas na criança. Dessa forma, segundo a autora, nesses encontros devemos “(...) trabalhar com as resistências: as dificuldades do pagamento, os ciúmes da analista, enfim, tudo aquilo que dissesse respeito à relação dos pais com o tratamento” (Sigal, 2002, p.56).

Essa perspectiva, por sua vez, indubitavelmente se apoia na hipótese psicanalítica de que os sintomas, por mais incômodos que sejam, também trazem satisfação e benefícios, tendo, portanto, um lugar e uma função na família. Isso, por sua vez, faz com que o progresso clínico do filho seja, muitas vezes, quase insuportável para os demais membros do grupo familiar. E, nesse sentido, devido à ameaça da perda do amor dos pais, a criança pode se ver impedida de fazer novas associações.

Nesse sentido, portanto, para que possam suportar as mudanças na criança e sustentar seu tratamento, é importante que façamos “intervenções que permitam aos pais se confrontarem com seus desejos e recalques. Às vezes juntos, às vezes separados, com a criança ou sem ela” (Sigal, 2002, p.70). Essas intervenções têm a finalidade de desvelar os não-ditos que circulam na dinâmica familiar, permitindo a reabertura da dinâmica associativa. Os pais permanecem sendo coadjuvantes no processo analítico do filho, mas aqui se defende a possibilidade, quando necessário, de uma maior participação deles no setting.

Por outro lado, ainda é importante acrescentar que a emergência de

“outros discursos que ajudam o paciente a encontrar caminhos perdidos ou a sair de momentos de paralisação nos quais entrou porque perdeu pedaços de sua história como desejante que permaneceu amarrado ao discurso de algum de seus pais” (Sigal, 2002, p.69).

Isso não significa dizer que o sintoma da criança deriva exclusivamente dos pais, mas de uma impossibilidade, da mesma, em elaborar as questões a que está sujeita, ainda que provenientes do seio familiar. O trabalho com a criança, sob essa óptica, é o único capaz de promover tal efeito, embora seja bem-vindo o contato com os cuidadores, de modo a esclarecer e levantar hipóteses sobre o que pode estar em jogo para o sujeito, fornecendo ao analista informações relevantes para seu trabalho.

Finalmente, devemos considerar a célebre frase winnicottiana sobre não existir um bebê sozinho, e sim em seu ambiente familiar, uma fala que reafirma a essencialidade parental nesse “vir-a-ser”. Segundo o Gutfriend (2008), é possível que, em muitos dos casos, o psicanalista não passe de um mero supervisor da relação protagonizada por pais e filhos, tal como Freud (1909) o fez em seu manejo do caso do “pequeno Hans”. Segundo o mesmo autor, “sem cuidar de quem realmente cuida, é difícil aprofundar ou manter a análise dos pequenos. Tratar crianças, hoje em dia, é tratar também seus pais ou a parentalidade” (Gutfriend, 2008, p.29). Nessa perspectiva, temos, em Freud (1909), um exemplo de analista que soube reconhecer e valorizar os esforços do pai de Hans, apesar de seus equívocos, contribuindo para que o mesmo se autorizasse em seu lugar parental, com efeitos muito interessantes sobre o manejo da fobia. Isso, inegavelmente, foi essencial para o andamento do trabalho com o menino, de onde podemos concluir que é preciso “fazer com que saiam do encontro [com o analista] se sentindo melhores pais do que quando entraram. A saúde dos filhos depende mais disso que da sabedoria ou das boas intenções de um analista suficientemente treinado” (Gutfriend, 2008, p.29).

Portanto, de posse das ideias aqui discutidas, podemos entender que o lugar dos pais na psicanálise com crianças é, antes de tudo, necessário e, sobretudo, plástico, sem uma forma ou fórmula definidas, permitindo múltiplas possibilidades de intervenção. Isso, evidentemente, desde que não se perca de vista que toda e qualquer iniciativa nesse campo visa, essencialmente, auxiliar ou preservar o trabalho com a criança, afinal, a ela cabe o protagonismo de seu processo analítico.

#### **4. Sua majestade, Nero, e seus pais.**

Finalmente, visando ilustrar e aprofundar a argumentação tecida até aqui, apresentarei um caso clínico, cujos atendimentos, iniciados no Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio como parte do curso de Especialização em Psicologia Clínica com crianças, continuaram posteriormente no meu consultório particular. No entanto, por contabilizar, até o momento, quase dois anos de percurso, seria inviável relatar aqui o tratamento na íntegra, ainda que resumidamente. Por essa razão, optei por, em seu lugar, trazer um texto mais fluido incluindo apenas as passagens e os comentários essenciais ao tema, de modo a orientar nossa discussão na direção desejada.

Assim, iniciarei este relato pela primeira entrevista, na qual recebi a mãe – Cláudia – portando um encaminhamento feito pela professora de Nero – menino com 7 anos à ocasião – no qual ela expressava sua preocupação com os sintomas observados no aluno, tais como “manias”, “preocupações não condizentes com a idade” e dificuldade de aprendizagem. Cláudia, por sua vez, parecia bastante ansiosa e, quando questionada sobre o que a preocupava, citou o fraco rendimento escolar do filho, seus “tiques” e desatenção, como estímulos que a deixavam em aflição, sobretudo, depois de ter assistido a uma peça teatral sobre a dislexia, na comunidade onde residem. Conta que Nero possui dois irmãos maiores de idade, frutos de seu primeiro casamento, os quais moravam com ela na casa que administrava com o marido – Marcos, o pai do caçula.

Marcos, nas palavras de Cláudia, procurava brincar com Nero sempre que chegava do trabalho, mas às vezes se encontrava cansado demais e não o fazia. Na percepção dela, ele vinha se mostrando estafado, desde que se tornou o único provedor da casa, seis meses atrás, quando a esposa deixou o seu emprego para se ocupar dos cuidados com o filho. Antes disso, trabalhava numa creche e foi lá que passou a notar as discrepâncias entre o comportamento de Nero e os das demais crianças, o que motivou sua decisão. Procurei acolher suas queixas e escutá-la, pedindo que trouxesse o filho no encontro seguinte para que pudéssemos conversar.

Na sessão seguinte, convidei apenas o menino para a sala de atendimento, onde perguntei-lhe se estava ciente das preocupações de sua mãe a seu respeito, ao que respondeu positivamente, descrevendo cada uma delas tal Cláudia o fez, uma mera reprodução do discurso materno. Perguntei como eram os tiques e se eles o incomodavam, e ele encenou cada um, alegando que, apesar de realizá-los involuntariamente, não se

tratava de uma vivência angustiante ou incômoda para ele. Ocorriam, segundo ele, enquanto caminhava nas ruas acompanhado dos pais, quando deles se despedia para entrar na escola, e ainda, em frequência menor, em casa – em outras palavras: sempre na presença dos pais.

O menino também contou o quanto se percebia desatento e esquecido e o quanto isso o prejudicava nas aulas. Disse que sua mãe vinha brigando com ele por errar questões para as quais, segundo ela, estaria suficientemente capacitado a responder, contudo não conseguia lembrar do conteúdo e acabava errando. Tal imagem que fazia de si, contudo, não se sustentou por muito tempo, pois em seu discurso estavam inclusas tanto lembranças recentes quanto antigas, bem como um raciocínio lógico condizente com a idade, algo que pude ir lhe mostrando através de pequenas devoluções de sua própria fala. Ficara claro para nós dois, que sua dificuldade de aprendizagem não era de ordem cognitiva, tinham outra fonte.

Ainda na primeira sessão, durante uma corrida com carrinhos numa pista marcada com fita adesiva sobre o chão, Nero faz um ato falho me chamando de “pai”, o que me deixou curioso para conhecer um pouco mais sobre a relação entre o ele e Marcos. Indagado, o menino fez uma associação por meio da brincadeira, declarando ser aquela uma das preferidas deles dois, o que me levou a supor o quanto ele deveria sentir falta de um contato mais próximo com o pai. Esse atendimento me permitiu formular uma hipótese preliminar, a de que a dificuldade de aprendizagem de Nero tinha como efeito a mobilização de seus pais, servindo ao propósito de mantê-los implicados em seu desenvolvimento, encurtando a distância e encerrando uma possível vivência de abandono.

Nesses primeiros encontros, o brincar do menino era solitário, com poucos espaços para a minha participação. Tentei, em alguns momentos a via da interpretação, mas, na maioria das vezes não obtive resposta, então o deixei livre para jogar à sua maneira, apenas lembrando-o de que eu estava ali, disponível para quando ele quisesse me incluir.

Algumas sessões mais tarde conversei com Marcos, segundo o qual a paternidade fora a melhor coisa que lhe acontecera. Dizia estar tendo a oportunidade de revisitar sua própria infância através do crescimento do filho e afirmou, sorrindo, que brincar com Nero era sempre uma grande satisfação; fazia-o sempre que podia. Contudo, quando questionado sobre os sintomas que preocupavam sua esposa, minimizou atribuindo a Cláudia, por meio de uma crítica sutil às inseguranças e ansiedades dela para com o filho, as dificuldades pelas quais vinham passando em casa.

Ali apresentou-se um indício de que havia um certo desacordo, talvez até uma

rivalidade e falta de parceria entre o casal parental quanto à criação de Nero. Ainda mais importante: o ato falho da primeira sessão adquiriu, para mim, uma nova conotação: agora o chamado pelo “pai” me parecia um apelo à “função paterna”, um pedido por limites que barrassem a fusão entre ele e sua mãe, bem como sua onipotência narcísica. Dali em diante, atento a essa questão, pude observar que o menino tinha grande dificuldade em lidar com o que lhe era impossível, como o desejo por usar um aviãozinho que vira dentro da caixa de brinquedos de outra equipe - algo em que insistiu por meses mesmo tendo recebido, todas as vezes, a explicação de que o objeto não era nosso para dispor - e brincar de pique-esconde dentro da sala de atendimento, onde, evidentemente eu não teria onde me esconder.

Munido desta compreensão, pude fazer algumas intervenções que o auxiliaram na transformação de seu brincar. Seu movimento solitário, aos poucos, foi se transformando em Fort-da<sup>1</sup>, e esse segundo momento de seu brincar coincidiu com aquele em que o menino começou a poder se separar da mãe para estar comigo, sem protestos ou a necessidade de que ela o acompanhasse até a porta da sala, situação que, segundo os pais, também começou a acontecer na escola. Os tiques, que jamais se fizeram presentes durante os atendimentos, também desapareceram na escola e em casa.

O referido jogo, ao estilo Fort-da, fora particularmente interessante, pois ganhou duas variações ao longo do tempo: a primeira foi quando tive a ideia de fazermos aviões de papel - lembrando-me do quanto ele gostaria de ter um aviãozinho para brincar - e depois escondê-los dentro da sala para procurarmos: transformamos duas situações impossíveis em uma possível. Houve divertimento, mas também ficou evidente a frustração de Nero, sobre a qual pudemos conversar. A segunda foi quando, por causa de uma obra no SPA<sup>2</sup>, precisamos mudar de sala e acabamos alojados em uma bem maior, com colchonetes e almofadas coloridos que o menino tratou de explorar; agora era possível que eu me escondesse e, assim, conseguimos fazer a brincadeira funcionar.

Contudo, quando eu anunciava o final da sessão, Nero saía da sala correndo e

---

<sup>1</sup> Freud (1917) relatou sua observação sobre o enorme divertimento produzido em seu sobrinho de dezoito meses ao arremessar um carretel para longe, enquanto emitia um som que se parecia com “fort”, interjeição alemã que significava “foi embora”, cena complementada posteriormente por um fio ligado ao carretel, o qual proporcionava sua reaquisição pela criança ao som de “da”, ou “está aqui”.

Essa brincadeira de “some-e-reaparece”, segundo o autor, era uma representação da separação entre mãe e bebê, vivida por este como abandono mesmo que se trate de um afastamento temporário, cuja passividade pode ser, contudo, experimentada de forma ativa na brincadeira. Dessa forma, podemos pensar o deleite do menino, durante seu jogo, de duas maneiras: como consequência dessa possibilidade de controle da situação angustiante e enquanto vingança contra o objeto, como diz Freud.

<sup>2</sup> SPA é a sigla para Serviço de Psicologia Aplicada.

fechava a porta, fazendo força para que eu não conseguisse sair. Em uma das vezes lhe perguntei se havia ficado chateado por eu precisar encerrar o atendimento naquele momento e ele respondeu que sim. Então, com cuidado, forcei a porta e saí da sala, sustentando o fim da sessão, mas acolhendo e demonstrando compreender sua demanda por mais tempo, e garantindo-lhe que poderíamos continuar o que começamos na sessão seguinte. Ali ficara evidente, não apenas a tentativa de controle do analista pela criança, como seus esforços para estar no polo ativo daquela vivência de abandono, algo que pude interpretar para ele na vez seguinte em que essa situação se repetiu.

Algumas sessões depois, Nero me pediu para levar consigo um carrinho da nossa caixa de brinquedos, comprometendo-se a trazê-lo na sessão seguinte. Permitted, entendendo o objeto como um representante meu (analista) durante o período entre sessões – de uma semana – em que estaríamos separados. Contudo, quando viu o objeto nas mãos do filho, sua mãe o questionou, talvez imaginando que ele o houvesse furtado, e, compreendendo se tratar de uma concessão feita por mim, disse em tom de brincadeira que se Nero pudesse me levaria para casa. Essa fala, por sua vez, me deu a oportunidade de endereça-la, em mesmo tom, afirmando que levar o brinquedo era exatamente o que o menino necessitava para não precisar me levar consigo. Ela sorriu.

Ao final de uma outra sessão, Cláudia me pareceu bastante angustiada, então propus que o próximo atendimento fosse dedicado a uma conversa com ela, sem o filho, para que pudéssemos falar a respeito do que a preocupava. Essa não é uma solução recomendável, mas era a possível, visto que a família não dispunha de recursos ou disponibilidade para me encontrar em um segundo horário semanal; foi necessário utilizar o do menino. Ela, então, compareceu à sessão marcada e me falou de sua dificuldade, não apenas em dar limites, mas em sustentá-los diante das súplicas sedutoras de Nero. Sentia-se culpada por menor que fossem os limites ou castigos impostos ao filho, e acreditava não poder contar com o apoio do marido que, segundo ela, se comportava como um outro filho do qual precisava cuidar. Achei importante dizer-lhe que os limites eram frequentemente trabalhados nas sessões e que seria importante convocar o pai a participar mais ativamente da educação do garoto, bem como das sessões em que falaríamos sobre o mesmo.

Naquele mesmo encontro, tivemos a oportunidade de falar sobre o lugar de Nero em sua família, dormindo no quarto dos pais e não com os irmãos, além de sua necessidade do contato físico prolongado antes de dormir e de, pelas manhãs, descer as escadas no colo do pai e dele receber os cuidados de higiene antes de ir para a escola. Ela pôde ver, no meu rosto, o quanto aquilo me soava estranho para um menino de 7 anos, e reconheceu a



necessidade de fazer algumas mudanças.

No encontro seguinte, antes do início da sessão, Cláudia me relata, na frente de Nero, que este lhe dissera ser melhor que eu (analista) tivesse uma explicação para ele ter ficado de fora na última semana, e eu, de pronto e olhando para ele, dei-lhe razão por ficar chateado, mas sustentei que aquele era o único momento em que eu e sua mãe poderíamos ter conversado. Minhas palavras foram suficientes e, então, entramos para retomar o trabalho. Ao final daquele encontro, Cláudia ainda contou que Marcos, pai do menino, pareceu enciumado e interessado em participar mais do processo analítico do filho, reação que atribui à nossa última conversa sem ele. Como aquilo estava de acordo com o que eu havia proposto a ela em nosso último encontro, sugeri que dali a algumas semanas nos reuniríamos os três, sem o Nero, mas tentaríamos marcar uma outra sessão na mesma semana, para que ele não fosse prejudicado em seu espaço.

Num dos atendimentos seguintes, acabamos por reproduzir a brincadeira da corrida de carrinhos da primeira sessão, substituindo a fita, que havia acabado, por lápis de cor para dar contornos à pista. Desta vez, contudo, por conta dessa particularidade, as margens eram físicas, rígidas, porém, permeáveis, e podiam ser rompidas se atirássemos os carrinhos com muita intensidade. Nero começou lançando os carrinhos com toda a força, mas aos poucos foi percebendo que eu levava vantagem ao fazer lançamentos mais leves e moderados; começou a ajustar seus empurrões e, então, parou de romper os limites da pista, tornando-se competitivo e chegando à vitória. Tive a certeza de que estávamos em trabalho e que algo estava sendo conquistado.

Na conversa com os pais, tornou-se evidente o quanto ambos sentiam dificuldades em acolher as inseguranças e hesitações, um do outro, em relação ao filho. Marcos disse ter falado ao filho que “às vezes ele podia ser amigo, mas em outras teria que ser pai”, sob o olhar irônico de Cláudia. Ela, por sua vez, contava o quanto se sentia parecida com seu próprio pai, a quem via como autoritário e violento, quando precisava dar algum tipo de punição ao filho, em seguida, sendo sutilmente recriminada pelo marido. Achei por bem lançar luz sobre essa falta de entrosamento e aparente rivalidade entre eles quanto à educação do filho, bem como discutimos a culpa sentida pela esposa e a dificuldade do marido em reconhecer-se no lugar de pai, uma vez que, frequentemente, buscava ocupar o lugar de amigo. Esses temas nos guiaram por lembranças de eventos passados e sobre suas famílias de origem, onde localizavam a fonte de alguns dos conflitos que experimentavam atualmente. Nessa jornada por memórias dolorosas, Cláudia falou da vez em que, estando em grande desequilíbrio emocional, quebrou um cabo de vassoura nas costas do filho mais

velho, no auge de sua adolescência, evento que foi seguido de um sentimento de culpa avassalador. Nesse contexto, Marcos demonstrou, pela primeira vez, uma tentativa de amparar a esposa em seu sofrimento, ao invés de julgá-la. Como essa, outras situações se seguiram, e foi interessante observar como o discurso dos sujeitos, antes tidos como estranhos e alvos de críticas, um pelo outro, quando mediados e traduzidos pelas minhas intervenções, tornavam-se mais acessíveis e promoviam a sensibilização e aproximação entre eles.

Ambos deixaram a sessão satisfeitos e me agradecendo pela nova perspectiva que eu havia lhes mostrado sobre algumas de suas questões, revelando que, segundo a coordenadora da escola de Nero, eu “devia um psicólogo milagreiro, pois o menino não ficaria sequer em recuperação naquele ano. Assim, encerrei a conversa agradecendo pelo reconhecimento do trabalho realizado, porém, dividindo com eles e seu filho o mérito por seu êxito escolar.

Nero, na sessão seguinte, já não demonstra interesse pelos carrinhos ou pelo “esconde-esconde” e, tampouco, pede pelo aviãozinho da outra caixa. Ao invés disso, entra na sala de atendimento, pega a massinha e modela alimentos, os quais cozinhará nas panelinhas, posteriormente abandonando-as e me convidando a encenar uma luta em que ele, “sem querer”, acaba atingindo meus genitais. Aquilo lhe proporciona grande divertimento. As brincadeiras “antigas” retornariam à cena analítica posteriormente, mas sempre com novos rompantes, demarcando alguma aquisição em termos de complexidade, exceto quando, diante de uma briga que quase ocasionou a separação dos pais, as fantasias persecutórias fazem seu retorno. Nero volta a demonstrar os medos<sup>3</sup> do escuro e de ficar sozinho, que já havia abandonado há meses.

Uma primeira brincadeira que surge nesse contexto, ocorre quando o menino transforma o chão da sala em lava, lançando duas almofadas ao chão para que pudéssemos pisar e traçando um circuito que deveríamos percorrer escalando o sofá, cadeiras e até a mesa. Aquela dinâmica, que começou proporcionando divertimento, contudo, logo se mostrou angustiante à medida em que eu começava a alcançá-lo. Ele, que liderava o caminho, se tornou aquele que fugia de mim, um monstro que tentava alcançá-lo. Me

---

<sup>3</sup> Segundo Winnicott (1982), entender a situação como decorrente da angústia pela expectativa de retaliação do objeto, em razão da ambivalência resultante da integração entre os objetos parciais bons e maus. Em outras palavras, quando a criança começa a perceber que o objeto odiado é o mesmo que é amado, surge a culpa associada à uma expectativa (na fantasia) de uma retaliação pelos danos causados. Sem a possibilidade de reparação ou, no caso, diante da fantasia onipotente de “destruição” da relação dos pais e de triunfo na trama edípica aparente confirmados pelo dado de realidade, Nero volta a apresentar sintomas fóbicos em casa e a expressá-los através da brincadeira.

tornei o Monstro de Lava, mas, quando o alcancei, ele encontrou uma forma de se defender: disse (ele mesmo) ser um monstro de fogo e que, portanto, meus poderes de lava não o afetariam. Travamos uma batalha com lutas coreografadas, em meio às quais ele me revelou não haver mais um mundo de fogo, pois eu (enquanto monstro) o havia destruído, e concluiu a cena dizendo ter absorvido o poder do tempo, capaz de restituir tudo ao que era antes, momento em que pôde se tranquilizar.

Na sessão seguinte, apagou a luz da sala e me convidou a deitar no chão com ele, ambos de bruços para que pudéssemos ouvir os passos, pelo ranger das velhas tábuas que revestiam o chão, e observar, por baixo da porta, as sombras de quem passava no corredor do SPA. Agora *eles* eram os monstros ameaçadores e eu havia recebido uma missão: ajudá-lo a chegar ao bebedouro em sem ser visto, depois levá-lo ao banheiro para urinar e, então, conduzi-lo à sala em segurança. Conseguimos. Com os pés descalços para minimizar o barulho e nos esgueirando por trás das colunas e obstáculos oferecidos pelo cômodo, cumprimos todos os objetivos sem atrair a atenção ou cruzar com ninguém, retornando ao nosso ponto de partida e podendo, ao final, acender a luz.

A primeira cena me parece bastante interessante, pois nos oferece elementos tais como um mundo de origem<sup>4</sup>, um monstro que o destrói<sup>5</sup> e expulsa o protagonista da trama, tornando impossível seu retorno, o poder de resistir<sup>6</sup> às investidas do agressor e o poder do tempo<sup>7</sup>, que faz tudo voltar ao que era. Por outro lado, a seguinte abre mão de uma solução mágica para lidar com a ameaça representada pelos monstros. Tornando-me seu aliado, precisava lidar com a ameaça evitando o confronto direto, seguindo por caminhos não vigiados pelos seres ameaçadores.

Após um período de um mês de férias, em que não tivemos atendimentos, convidei os pais do menino para uma nova conversa, ocasião em que sua mãe me revelou a preocupação do filho acerca de uma possível indisposição minha a voltar a atendê-lo. Me limitei a responder que era natural que ele se sentisse assim, dada a distância prolongada que tivemos, guardando, a princípio, minha hipótese sobre o fato. Em seguida, observei

---

<sup>4</sup> Interpretei o planeta de origem como sendo uma referência à ilusão de completude, quando no início do desenvolvimento a criança encontra-se indiferenciada em relação à mãe.

<sup>5</sup> Seguindo a mesma linha de raciocínio, a destruição do planeta de origem poderia ser uma representação da interdição ao incesto, do corte edípico promovido pela Função Pai. Alií, a castração se apresenta ao menino pela impossibilidade de ter a mãe.

<sup>6</sup> Nesse sentido, o poder de resistir à lava parece ser uma tentativa de lutar contra a ameaça de castração.

<sup>7</sup> Contudo, incapaz de vencer o monstro agressor e se livrar da angústia de castração, Nero recorre a uma solução mágica, possível apenas em seu fazer de conta, rebobinando o tempo numa tentativa de resgatar seu paraíso perdido.

que marido e mulher mal se olhavam, e que se dirigiam um ao outro por meio de agressões disfarçadas de relatos endereçados a mim. Decidi perguntar-lhes o que havia acontecido, também sem revelar minhas suposições sobre as brincadeiras de Nero. Responderam que haviam se separados em decorrência de uma traição por parte da esposa, embora houvessem permanecido vivendo na mesma casa; Marcos dormia no quarto, enquanto Cláudia se mudara para o sofá. Perguntei onde ficara o caçula após essa ruptura, e me foi dito que antes de ir para o sofá, onde vinha dormindo com a mãe, o menino ia até a cama do pai fazer-lhe um carinho e desejar-lhe boa noite.

Diante da resposta, questionei-lhes a respeito de um possível estado de angústia ao qual Nero pudesse estar submetido, e, frente à confirmação por parte de ambos, sugeri que, assim como o medo de que eu não voltasse a atendê-lo, que o deixasse, havia surgido o medo de que o pai o abandonasse<sup>8</sup>. Tracei um paralelo entre as duas situações, interpretando suas brincadeiras de monstro à luz dos fatos relatados, e explicando-lhes como a fantasia onipotente de ter causado um mal irreparável poderia converter-se em um quadro de ansiedade persecutória. Então, munidos de tal compreensão, se comprometeram a fazer algumas mudanças, como colocar o menino para dormir com os irmãos e conversar com ele sobre a separação.

Em poucas semanas, segundo a mãe, o quadro fórbico se desfez, e, durante os atendimentos, os monstros perderam espaço para as brincadeiras de construir edifícios com blocos e massinha. Contudo, a ansiedade continuava a ser um problema, e, conversando com os pais, percebemos o quanto o menino vinha se ocupando de manter o casal parental unido, procurando mecanismos para evitar ou remediar suas constantes brigas. Nesta oportunidade, Cláudia me contou que, poucos dias antes, Nero havia lhe revelado o desejo de crescer, ganhar muito dinheiro e comprar uma casa. No meio dela, ele ergueria um muro, separando o pai e a mãe, enquanto os manteria sob o mesmo teto.

Fiz, portanto, duas intervenções: recomendei que procurassem, ao máximo, preservar o filho em relação às brigas do casal, uma vez que o problema era de ordem conjugal e, portanto, não incluía o menino, e perguntei se eles teriam interesse em realizar um trabalho voltado ao casal. Eu me tornaria o terapeuta da dupla, em paralelo ao trabalho em andamento com Nero.

Essa ideia havia surgido meses antes, no discurso de Cláudia, e minha hesitação até este momento se devia ao debate ético acerca do tema, posto que essa nova configuração

---

<sup>8</sup> Cheguei a tal conclusão a partir do relato sobre o movimento do menino em ir até o pai, checá-lo, antes de retornar e dormir com a mãe.

poderia fomentar, no menino, fantasias de quebra do sigilo terapêutico ou de formação de alianças, junto ao casal, excluindo-o de seu próprio processo. Contudo, naquele momento, entendi que o atendimento ao casal, em frequência semanal e num horário que não interferisse no trabalho com o menino, poderia ser de grande ajuda no tratamento do mesmo. Isso porque, primeiramente, seria um espaço pra o casal tratar de seus assuntos conjugais – que não incluem o filho – e, em segundo lugar, me daria a oportunidade de trabalhar, com Nero, as fantasias a respeito de estar excluído daquele setting, situação análoga à exclusão necessária frente à cena primária<sup>9</sup>. Eles aceitaram minha proposta, e iniciamos o trabalho.

Já em uma das primeiras sessões de casal, Cláudia contou sobre sua infância, no interior de Minas Gerais, onde vivia com seus pais e um casal de irmãos. Contou que sempre tivera uma relação difícil com seus genitores, pois não se encaixava no lugar, por eles atribuído a ela; não queria ser criada para ser dona de casa. Brigava constantemente com o pai, questionando suas ações e atitudes para com as mulheres da família, ao mesmo tempo em que se indispunha com as mesmas, criticando sua passividade. Acabou sentindo-se sem lugar junto à família de origem, o que fez com que, no final da adolescência, viesse para o Rio de Janeiro morar com uma prima, onde conheceu o pai dos primeiros dois filhos. Durante o processo terapêutico, ficou claro que a memória de Cláudia sobre sua infância “rebelde”, a inibia de exercer sua autoridade sobre o filho caçula, pois ele, em sua espontaneidade, a fazia lembrar dela mesma em seu infantil libertário. Como consequência, administrar “nãos” ao filho lhe davam a sensação de misturar-se à imagem que tinha de seu pai, autoritário e repressor, fazendo emergir a angústia associada a essa identificação com o que mais detestava nele.

Depois de escutar os relatos da esposa, Marcos pôde tornar-se mais empático e menos crítico a ela, e se permitiu falar, também, de sua infância. Conta que foi o filho caçula e temporão de uma família de cinco membros, tendo tido bastante atenção de seus familiares e muito lazer. Comparada à do relato de Cláudia, a infância do marido não havia apresentado grandes embates ou desafios, era justamente o oposto: esses elementos

---

<sup>9</sup> Cena primária é o nome dado, em psicanálise, à relação sexual entre os pais, da perspectiva do filho. Segundo Freud (1918), testemunhar a cena primária fora um fator decisivo para o desencadeamento do sintoma do “homem dos lobos”, mas, posteriormente, Lacan (1999) chamaria atenção para a possibilidade da cena primária não precisar ser vista para causar problemas. Bastava que estivesse presente nas fantasias inconscientes, ocorrência natural ligada ao aparecimento dos complexos de Édipo e de Castração, e que a criança viesse, eventualmente, a encontrar dados de realidade que a tornasse traumática. Nesse sentido, uma interpretação possível seria de que Nero, para evitar a angústia de castração, empenhava-se em frustrar a cena primária através de um controle ativo de cada movimento dos pais, os quais, com uma conjugalidade fragilizada, muitas vezes o convocavam como mediador ou separador do casal.

pareciam totalmente ausentes da narrativa. Ao longo do trabalho, formulei a hipótese de que essa memória, de uma trajetória idealizada, dificultava que Marcos pudesse ocupar o lugar de pai, frequentemente recaindo ao posto de amigo de Nero. O pai gostaria de dar ao filho a infância perfeita que acreditava ter tido, o que criava um impasse quanto à assunção de uma posição de representante da castração, frente ao menino.

Em outras sessões foram discutidas questões relacionadas à conjugalidade, tais como seus encontros e desencontros, seus pactos conscientes e inconscientes, suas antigas expectativas em relação ao casamento e as diferentes etapas do ciclo vital que atravessaram juntos. Essas intervenções buscavam trazer à tona suas questões de casal, fazendo-as circular entre eles de modo que, aos poucos, pudessem delas se apropriar e discutir, sem a inclusão do filho.

Após seis meses seguindo esse modelo terapêutico, pude observar mudanças significativas tanto em Nero quanto em seus pais. O menino começou a se preocupar com seus próprios assuntos, passando a trazer temas relacionados aos seus vínculos com os colegas da escola e da vizinhança, e seus meio-irmãos, passando a demonstrar interesse em disputar comigo em jogos competitivos, tanto analógicos quanto eletrônicos. Os membros do casal, por sua vez, conseguiram alcançar um novo nível de compreensão e sensibilidade um pelo outro, o que lhes possibilitou, apesar da opção pela separação, a continuação do respeito mútuo e da parceria na criação do filho. Aparentemente, a conjugalidade havia chegado ao fim, mas a parentalidade deixou a terapia bastante fortalecida.

Recentemente, poucos meses após o término da terapia de casal, Marcos e Cláudia resolveram fazer uma nova tentativa de retomada da conjugalidade, trazendo novos desafios ao convívio familiar e ao filho. Agora, com quase 9 anos, Nero já possuía mais recursos para lidar com a instabilidade promovida por seus pais: passou a propor uma brincadeira onde, alternadamente, eu e ele escondíamos carrinhos pelo consultório para o outro procurar. Não se tratava de um Fort-da como aquele de esconder os aviões de papel ou me trancar dentro da sala, mas de um jogo interativo onde quem escondeu podia dar dicas para o outro encontrar, e por meio do qual podíamos competir em igualdade.

Continuo trabalhando com Nero e seus pais, em uma proporção média de três atendimentos ao filho para uma conversa com os pais, variando para mais ou menos de acordo com a necessidade. Cheguei a esse modelo devido à compreensão de que este é um caso cuja evolução, sem qualquer dúvida, não teria sido possível sem o relatado trabalho de escuta, manejo de fantasias, traumas e frustrações dos pais, que à medida em que autorizavam-se em suas respectivas funções, auxiliavam o filho na elaboração das

angústias deste.

## **5. Considerações Finais**

Neste trabalho, percorri um caminho iniciado nas transformações psíquicas inerentes à difícil tarefa de tornar-se pai ou mãe, estudando o quanto as memórias de infância, bem como o conteúdo recalado referente à mesma época, podem interferir tanto no desejo de ter filhos quanto nas fantasias acerca dos mesmos e na maneira de criá-los. Isso, então, me permitiu justificar sua inclusão no tratamento da criança, uma vez que conhecemos muitas das repercussões dessa interação entre as gerações, desde os estudos freudianos.

Percorri as angústias relacionadas à parentalidade, buscando fundamentar a compreensão de que os erros e acertos dos pais, muitas vezes, têm origem em um legado transgeracional que os atravessam de maneira inconsciente. Em outras palavras, nem sempre uma ação ou uma atitude frente ao filho estará ligada ao motivo que a pôs em movimento. A origem encontra-se, a princípio, perdida nesse inconsciente familiar que conecta as múltiplas gerações, o que representa um desafio singular à clínica com crianças, posta sua proveniência estrangeira. Isso, aliás, pôde ser observado no relato do caso de Nero e seus pais, quando, nas sessões de casal, Marcos e Cláudia mencionam suas infâncias, e a partir dessas memórias e a minha ajuda em traduzi-las, puderam fazer algumas conexões acerca do por quê era tão difícil dar limites ao filho.

Por outro lado, trabalhando as questões conjugais em um espaço destinado a isso, foi possível, pela promoção de uma maior separação entre a parentalidade e a conjugalidade, preservar a cena primária pela exclusão gradual da participação do menino na relação do casal. Isso pôde atenuar a fantasia onipotente de Nero, na qual parecia acreditar ser capaz de separar ou unir os pais, posicionando-se como o elo que conectava, porém, distanciava um do outro. Assim, cada vez mais ocupando o lugar de filho dentro da família, o menino apresentou visível redução da ansiedade que vinha mostrando.

Finalmente, partindo dessas compreensões e compartilhando do entendimento de que a análise com crianças é, cada vez mais, uma análise também dos pais, procurei aproximá-los da cena analítica de modo a integrá-los a essa proposta de trabalho. Ora como casal parental, ora como casal conjugal, os pais de Nero puderam, finalmente, tornar-se pais, embora seus desafios, inerentes à tal função, estivessem apenas começando. Tais mudanças, inclusive, apresentaram grande resistência por parte de Nero, demandando-lhe um grande



esforço de adaptação que trouxe a ele importantes conquistas em termos de desenvolvimento emocional.

## **6. Referências bibliográficas**

ALMEIDA, M. **A força do legado transgeracional numa família**. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v.10, n.2, p.215-230, dez.2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872008000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 03 dez. 2017.

ARAGÃO, R. **Tornar-se mãe de seu próprio filho**. Curitiba: Honoris Causa, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BYDLOWSKI, M. **O olhar para o interior da mulher grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno**. In: Corrêa Filho, L., Corrêa Girade, M., FRANÇA, P. (Orgs). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: Editora L.G.E., 2002.

BYDLOWSKI, M. e LUCA, D. **Depressão paterna e perinatalidade**. In: *Lê Carnet PSY*, Editions Cazaubon, Boulogne, p. 28-33, Novembro/2001

FLESLER, A. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 2006

\_\_\_\_\_. (1909) **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 2006

\_\_\_\_\_. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

\_\_\_\_\_. (1918) **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”)**. In: Sigmund Freud; *Obras completas*. Vol XIX. São Paulo: Companhia das letras, 2010

\_\_\_\_\_. (1923) **O ego e o id**. In: Sigmund Freud; *Obras completas*. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006

\_\_\_\_\_. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Sigmund Freud; *Obras completas*. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006

\_\_\_\_\_. (1923) **Sexualidade feminina**. In: Sigmund Freud; *Obras completas*. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

GUTFRIEND, C. (1963). **As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos – o pequeno Hans: a psicanálise da criança ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

KAËS, R. **Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração**. In: EIGUER, A. *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo, Unimarco, 1998.

- KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LACAN, J. **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994
- \_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999
- LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988
- LEBOVICI, S. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- \_\_\_\_\_. **On intergenerational transmission: filiation from affiliation**. In: *Infant Mental Health Journal*, v.14, n.4, p. 260-272, 1993.
- MAGALHÃES, A. **Transmutando a subjetividade na conjugalidade**. In: Féres-Carneiro (org.) *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003
- MARINHO, L. **Paternalidade: o homem e suas angústias**. In: *Pulsional - revista de psicanálise*, São Paulo, ano. 22, n. 4, p. 45-53, Dezembro/2009
- MORSCH, D. et al. **Redes de suporte à parentalidade em UTI neonatal: Um relato de experiência**. In: *Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. PICCININI, C. e ALVERENGA, P. (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- PICCININI, C. et al. **Parentalidade no contexto da depressão pós-parto**. In: *Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. PICCININI, C. e ALVERENGA, P. (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- ROUDINESCO, E. **Família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUSSILLON, R. **A destrutividade e as formas complexas da sobrevivência do objeto**. *Exploration en psychanalyse*. 2009. Disponível no endereço: <https://reneroussillon.com/en-espagnol-portugais-allemand/a-destrutividade-e-as-formas-complexas-da-sobrevivencia-do-objeto/>
- SIGAL, A. **A constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise de crianças**. In: *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. ROSENBERG, A. (org.). São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- STERN, D. **The motherhood constellation: a unified view of parente-infant psychotherapy**. New York: BasicBooks, 1995.
- WINNICOTT, D. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZIMMERMAN, D. **Manual de técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, Técnica e Clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os quatro vínculos: na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZORNIG, S. **A criança e o infantil em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2008.

\_\_\_\_\_. **Construção da parentalidade: Da infância dos pais ao nascimento do filho**. In: Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos. PICCININI, C. e ALVERENGA, P. (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.